



## A decadência da atividade sisaleira no Curimataú Paraibano.

Francisco de Assis Bezerra Júnior<sup>1</sup>, José Ranieri Santos Ferreira<sup>2</sup>, Heliomar Jadson Silva Santos<sup>3</sup>, Thiago Anderson Oliveira de Azevedo<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Instituto de educação ciência e tecnologia da Paraíba – IFPB, Graduando do curso de tecnólogo em agroecologia, Picuí/PB – Brasil, bezerrajunior81@gmail.com; <sup>2</sup> Instituto de educação ciência e tecnologia da Paraíba – IFPB, Graduando do curso de tecnólogo em agroecologia, Picuí/PB – Brasil, ranieri.asa@bol.com.br ; <sup>3</sup> Instituto de educação ciência e tecnologia da Paraíba – IFPB, Graduando do curso de tecnólogo em agroecologia, Picuí/PB – Brasil, jadson.picui@hotmail.com; <sup>4</sup> Instituto de educação ciência e tecnologia da Paraíba – IFPB, Graduando do curso de tecnólogo em agroecologia, Picuí/PB – Brasil, thyagoanderson2009@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo elucidar as faces do comportamento da cultura do sisal na região do Curimataú paraibano e seus processos de gestão, através de entrevistas semi estruturadas e depoimentos de agricultores e produtores da região, trazendo para o âmbito da discussão os fatores que levaram a cultura sisaleira decair. A pesquisa bibliográfica mostra que a falta de incentivo e a não articulação entre os atores desta cultura, trouxeram meios de frenagem para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o setor. Na pesquisa de campo constata-se a decadência sisaleira relacionada dentre outros fatores, com a estrutura agrária e social do nordeste brasileiro. Assim, constata-se que a falta de um olhar voltado para a sustentabilidade, torna o regime estagnado com poucas opções de se reerguer no cenário de exportações de fibra e outros derivados, desequilibrando toda a estrutura de verticalização da produção, com alguns efeitos colaterais irreversíveis, que por sua vez deixaram muitas vítimas. Apesar de sua relevância, nos últimos anos, a decadência constante dessa cultura se expressou em reduções significativas da área cultivada, produção e produtividade, como também o fato de não haver aproveitamento dos resíduos de desfibramento nem a modernização dos equipamentos de beneficiamento do sisal tornaram essa atividade econômica agrícola decadente no histórico do agronegócio monocultor no Curimataú Paraibano.

**Palavras-chave:** curimataú; decadência; fibra; produção; sisal

### Introdução

No decorrer da evolução agrícola enquanto atividade econômica, as populações têm buscado várias culturas e/ou cultivares que se adaptem as condições climáticas de cada região. O sisal (*Agave sisalana perrine*) apesar de ser uma planta originária do continente norte-americano e das Ilhas Caraíbas, e possuir propriedades conhecidas desde as épocas mais remotas pelos habitantes do México adaptou-se muito bem as condições edafoclimáticas da região do semiárido brasileiro.

Até a primeira guerra mundial, o México monopolizava o mercado desta fibra, porém com a quebra deste monopólio em 1830 o agave passou a ser disseminado pelo mundo. O Brasil ocupa grande destaque entre os grandes produtores mundiais e as primeiras plantações dessa cultura no Nordeste ocorreram na Paraíba, sendo que foi na Bahia onde se destacaram as maiores plantações. Segundo Oashi (1999) na microrregião do Curimataú e nas áreas de maior concentração dessa cultura, o seu rendimento já foi da ordem de 1.500 kg/ha. Isso mostra que os nossos sisalais, de maneira geral, já foram mais produtivos e se adaptam bem a diferentes índices pluviométricos, bem como não apresentam resistência significativa aos diversos tipos de solo predominantes no Semiárido.

Atualmente a fibra do sisal possui poucas utilidades em razão do aparecimento das fibras sintéticas. Em alguns municípios do Seridó e Curimataú paraibano ainda é possível encontrar alguns campos em produção mesmo que carentes de qualquer manejo, sendo que toda a produção de fibra é destinada a confecção de pequenas peças de artesanato e cordas para uso na pesca. Entretanto, o cenário de condições trabalhistas é insustentável. Na década de 90 foram criadas no estado da Paraíba, algumas entidades com a justificativa de fortalecer e dinamizar o processo de produção, beneficiamento e comercialização do sisal, porém, pouco foi efetivado em termos de desenvolvimento local e melhoria da vida dos trabalhadores.

Este artigo tem por finalidade apresentar alguns dos motivos que levaram ao declínio da viabilidade econômica da atividade sisaleira no Curimataú paraibano, além de apontar alternativas que possibilitem o dinamismo produtivo dessa cultura que durante muitos anos esteve restrito a produção de fibras destinadas à confecção de cordas e similares.



## Material e Métodos

Para a realização do trabalho foi feita pesquisa na *internet*, revisão de literatura em livros e periódicos, além de visitas *in loco* em lavouras decadentes onde se enfocou as observações a respeito das estruturas de extração e beneficiamento relatadas através de entrevistas semi estruturadas e depoimentos de trabalhadores (as) e proprietários de máquinas de desfibramento de sisal. A pesquisa de campo foi priorizada no município de Barra de Santa Rosa, localizado na microrregião do Curimataú Ocidental, a duzentos quilômetros de João Pessoa, por se tratar de um município cuja atividade sisaleira ainda se mantém com razoável nível de produção.

## Resultados e Discussão

Observou-se que ao longo do ciclo do sisal no país ocorreram várias oscilações em tudo que direta ou indiretamente dependia da produção desta cultura, deixando todos bastante susceptíveis a variação de mercado. Não obstante sua relevância estratégica, vários fatores têm concorrido para a decadência do sisal na microrregião do Curimataú paraibano, dentre os quais: o baixo índice de aproveitamento da planta de sisal; a concorrência com as fibras duras sintéticas; o elevado custo inicial para a produção da monocultura sisaleira; a falta de variedades adaptadas às regiões produtoras; doenças e o manejo deficitário da fertilidade dos solos, entre outros (EMBRAPA, 2006). Esses fatos podem ser confirmados através de um depoimento relatado por um agricultor sisaleiro do município de Barra de Santa Rosa/PB: “Depois que chegou essas cordas e esses sacos de ‘nalhe’ o preço começou a baixar, o valor pago aos trabalhadores não compensa mais quando vamos vender o produto.”

Os equipamentos de transformação da folha do sisal em fibra sempre foram montados sob improvisação, assim como os de uso pessoal não oferecem qualquer segurança ao trabalhador, por isso é comum encontrar muitos deles com mutilações dos membros superiores causados pela violenta prática de desfibramento, que acontece através do contato simultâneo entre dois trabalhadores com habilidade em inserir as folhas num rolo metálico envolvido com várias navalhas expostas e em alta rotação giradas por uma espécie de correia (engrenagem) conectada num motor industrial. Segundo Oashi (1999), a baixa produtividade apresentada pelos nossos sisalais está associada diretamente aos sistemas de produção rudimentares que vêm sendo utilizados durante muitos anos, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1: Área colhida, produção e produtividade na lavoura do sisal no Nordeste – 1975 à 1995

QUINQUENIOS	ÁREA COLHIDA 1.000 ha	PRODUÇÃO 1.000 t	PRODUTIVIDADE (kg/ha)
1975/76 - 1979/80	286,02	211,27	738,70
1980/81 - 1984/85	323,48	237,41	733,90
1985/86 - 1989/90	282,31	204,68	725,00
1990/91 - 1994/95	211,71	161,86	764,50

Fonte: Oashi (1999).

Os tratos culturais a serem realizados nos campos constam da retirada de plantas arbustivas e eliminação de filhotes que brotam entre as fileiras, havendo também a necessidade de replantio substituindo as plantas adultas que tenham completado seu ciclo de produção com a liberação do pendão floral. O trabalho exercido nesta atividade é bastante cansativo e perigoso, já que o trabalhador deve tomar cuidado com animais peçonhentos e enxames que são atraídos pela condição de adensamento das plantas. Outra dificuldade são os espinhos existentes nas extremidades foliares da planta, visto que na área onde foi feita a pesquisa de campo encontra-se trabalhadores com deficiência visual causada por esses espinhos.



Devido às dificuldades de manejo da cultura, os baixos preços no mercado e as condições de trabalho insalubre implementadas em todo o ciclo de produção, observa-se uma grande quantidade de campos muito velhos, praticamente abandonados e cheios de filhotes, servindo apenas à alimentação animal em épocas escassas. Portanto, mesmo que houvesse melhoria nos preços da fibra, os produtores teriam dificuldade em recuperar os campos, tendo em vista que, a partir do décimo ano, as suas folhas começam a diminuir de tamanho e a sua produtividade começa a cair consideravelmente, havendo a necessidade de substituição total das plantas.

Atualmente no Curimataú paraibano, existem plantações com mais de vinte anos, onde é possível observar plantas mortas entre reboleiras de plantas novas que ao nascerem espontaneamente, pouco se desenvolvem, além de alterarem a formação das linhas que possibilitam o manejo e colheita das folhas. Como o valor adquirido com a fibra não compensa os tratos culturais necessários à boa produção, ou seja, retirada anual do mato, controle de filhotes e substituição de plantas mortas, muitos sisalais antes produtivos, se encontram encobertos pela vegetação da caatinga, sendo comum a existência de rebanhos de bovinos e caprinovinos se alimentando da pastagem que nasce entre as plantas e dos próprios filhotes do sisal. Tal prática contribui, por um lado, com a manutenção dos rebanhos e, por outro ocasiona alguns prejuízos com a perda de animais através de acidentes causados pelos espinhos, cujas sequelas são comuns, principalmente em animais recém-nascidos, em que muitos deles perdem os movimentos após serem atingidos pelos espinhos nas articulações.

Também ocorrem muitos casos de morte quando o animal ingere a fibra, pois essa se transforma numa espécie de “bucha” rígida no aparelho digestivo, impedindo a ruminação e ocasionando a morte. Todavia, na época da seca, existem produtores que utilizam uma parte da planta do sisal como única alternativa alimentar para os rebanhos. Eles arrancam a planta inteira, depois descartam as folhas deixando somente uma estrutura arredondada chamada vulgarmente de cabeça; em seguida é feito o corte em pequenos pedaços de forma a facilitar a ingestão pelo animal. Segundo os agricultores, alimentar os animais com a cabeça do sisal representa o último recurso a ser empregado para salvar os animais na seca extrema, tendo em vista a reação causada por determinadas substâncias que deixa o animal com aparência de tristeza e constante diarreia, além de resistir a outro tipo de forragem, sintoma esse conhecido pelos agricultores como fastio.

Manusear o sisal é outro desafio, a sua seiva contém uma substância extremamente tóxica que provoca coceira persistente, principalmente quando se mistura ao suor do corpo ou em contato com água ao tomar banho no final do dia, por isso é comum presenciar trabalhadores que evitam tomar banho quando manuseiam tal cultura, demonstrando assim mais uma condição subumana a qual se submete o trabalhador sisaleiro ao não dispor de instrumentos e técnicas adequadas à produção. Todos esses fatores aliados à perda de mercado da fibra corroboram para a atual declividade da cultura sisaleira no Curimataú paraibano, cujos reflexos podem ser vistos no profundo êxodo do campo à cidade acelerado a partir dos anos noventa nessa microrregião.

Existem na região alguns grupos de famílias organizados, cujo objetivo é desenvolver alternativas de renda a partir da fibra do sisal. Alguns projetos governamentais financiaram no Curimataú paraibano, nos últimos anos, pequenas unidades de beneficiamento com base na produção de artesanato. Nessa atividade reside a importância da inclusão das mulheres e jovens em tarefas menos degradantes, diferente daquelas observadas quando na extração e transformação da folha em fibras, onde em muitos casos a mulher é responsável pelo carregamento da fibra até o local de lavagem e secagem, sendo dela a incumbência de deixá-la enfardada e pronta para ser vendida.

Na produção de artesanato a criatividade das mulheres merece uma maior atenção, pois, elas conseguem fabricar belas peças de decoração e de utilidade pessoal, tais como bolsas, chapéus, abanadores e jarros que são vendidos em feiras locais ou no atacado quando representantes de lojas afins, muitas vezes das grandes cidades, vem comprar as peças em maior quantidade. Esse é um aspecto ainda mais carente de incentivo e apoio por parte dos órgãos de apoio e de representação desses produtores, já que a desorganização e a falta de canais de mercado tornam o preço dos produtos muito baixos e sem a devida valorização da arte, no sentido de agregar o valor das potencialidades locais através de uma marca que pudesse divulgar o trabalho e proporcionar a motivação coletiva em fortalecer a produção e a criatividade.

Em localidades onde ainda existem certas quantidades de sisal plantadas, é comum encontrar pequenas fábricas de cordas caseiras, onde toda a família se envolve no trabalho. Nessas mini-fábricas chama à atenção a



rusticidade dos equipamentos e a capacidade de produção mesmo em condições precárias. Normalmente, para fabricar um fio de corda são envolvidas duas pessoas, onde uma delas gira uma espécie de rolo movido por uma roda de bicicleta adaptada que prende o fio, molda a peça até transformá-la na corda, ao mesmo tempo em que outra cuida do enrolamento dos fios com cuidado de evitar o desalinho da peça. Por dia é possível essas duas pessoas confeccionarem cem peças de corda medindo, aproximadamente, cinco metros cada uma. Aí vem o problema do baixo preço pago pelos atravessadores da região. Por cada peça eles não chegam a pagar mais de vinte centavos, o que torna o trabalho desestimulador, além de perpetuar toda a estrutura social trabalhista que permeia o histórico da produção sisaleira no Nordeste, baseada no coronelismo agrário e na exploração da mão de obra.

Para as pequenas fábricas familiares de artesanato o sisal nem sempre é beneficiado em máquinas motorizadas. Existe uma estrutura desenvolvida pelas próprias famílias, chamada por elas de máquina de mão. Trata-se de uma pequena estrutura que envolve uma corda, uma pedra e duas pequenas estruturas de ferro que abrem e fecham descascando a folha e separando a fibra. É um método que não oferece perigo de acidentes, mas, possibilita pouca produção.

Durante a década de 90, foram criadas algumas instituições de caráter cooperativo com a expectativa de alavancar a cultura do sisal no Curimataú. A primeira delas foi à associação dos produtores de sisal do Curimataú e Seridó (APROSICS), sendo que a partir dela foram construídas algumas estruturas físicas como galpões e centros de formação no município de Picuí; também foram realizados alguns cursos de capacitação em artesanato e outros derivados, porém essa instituição sempre esteve sob o domínio de um ou dois agentes políticos da região e dessa forma, não se prestando ao verdadeiro objetivo que era o de fortalecer os pequenos produtores, chegando em pouco tempo a falência com o histórico de financiamentos públicos mal utilizados e estruturas físicas abandonadas .

Ainda no final da década de 90 os mesmos agentes políticos responsáveis pela má gestão da extinta APROSICS, conseguem verbas e criam mais duas instituições, teoricamente com os mesmos objetivos da anterior, sendo estas denominadas de: APROSISAL<sup>1</sup> e ADECOSAL<sup>2</sup>. Através de ambas foram arrecadados recursos públicos destinados à qualificação da produção e agregação de valor para a comercialização da fibra do sisal, todavia mais uma vez a gestão dessas cooperativas ficou centralizada e atendendo a interesses político-partidários. Hoje o que resta são estruturas físicas em ruínas, muitos produtores alimentando a esperança de obter sucesso com o cultivo do sisal a partir dessas instituições e uma rádio de caráter comunitário denominada de SISAL FM, localizada no município de Picuí, cujo sinal não chega a quase nenhum produtor sisaleiro da região.

### **Desafios sociais no âmbito da produção sisaleira**

Através das visitas realizadas nas fazendas sisaleiras do Curimataú, verifica-se que nenhuma delas encontra-se abaixo de 200 hectares e portanto, não pertencem a agricultores familiares. Ouvem-se relatos e reclamações das duas partes: o latifúndio produtor alega que existe mercado para as fibras mesmo que o preço seja baixo, porém não existe mão de obra disponível; já os trabalhadores afirmam que o valor pago pelo produtor é irrisório, além das condições de trabalho oferecido ser precárias.

Hoje no município de Barra de Santa Rosa-PB, os trabalhadores ganham o equivalente a dez reais por uma jornada de dez horas diárias na extração e no desfibramento do sisal, valor que os submetem a condições desumanas de vida. Há, portanto a necessidade de mudanças na estrutura agrária com efeito na democratização da produção sisaleira do Curimataú, ou seja, as políticas de reforma agrária e de acesso ao crédito precisam dar conta de viabilizar condições favoráveis à inserção da cultura sisaleira no âmbito da agricultura familiar.

---

<sup>1</sup> Associação de produtores de sisal

<sup>2</sup> Associação de desenvolvimento comunitário de Santa Luzia



Os sindicatos rurais são demandados a promoverem formações no campo da organização cooperativa e de acesso a mercados, com vistas à agregação de valores na produção de artesanato e técnicas de aprimoramento dessa cultura como aporte forrageiro e preservação de solos.

### **Conclusões**

Com o presente trabalho, pôde-se concluir que a decadência da atividade sisaleira vem ocorrendo ao longo do tempo em função de diversos fatores e que a falta de um olhar mais amplo para esta cultura, que outrora foi tida como a “salvação do nordeste”, vem acarretando prejuízos na parte cultural, social e ambiental. Percebe-se também que ao longo do tempo, não houve uma preocupação em melhorar o modo de extração e beneficiamento do sisal que continua de certa maneira, bem arcaico. Ao mesmo tempo, nota-se que, se bem manejado, o sisal pode sim ser uma das diversas alternativas de renda para as famílias por ser bem adaptada as condições do bioma Caatinga.

Perante a versatilidade dessa cultura, seria viável, não apenas economicamente, voltar a “investir” nessa que já foi uma das plantas mais cultivadas da nossa região. É importante tentar revitalizá-la através de um olhar sistêmico e tratar a cultura como uma ferramenta que gera emprego e renda a partir de uma visão sustentável do cultivo de fibras naturais em contraponto com a indústria de fibras sintéticas.

### **Literatura citada**

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA-EMBRAPA (Embrapa Algodão. Sistemas de Produção, 5). *Cultivo de Sisal na Região Semi-Árida do Nordeste Brasileiro*, por Fábio Akiyoshi Suinaga e outros. Campina Grande, 2006, p 7.

OASHI, M. da C. G. *Estudo da cadeia produtiva como subsídio para pesquisa e desenvolvimento do agronegócio do sisal na Paraíba*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC, 1999.



19 a 21 de outubro - Ciência, tecnologia e inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional